

Cultura Local

MONTADOS

MARGARIDA SILVEIRA*

Os montados são formações semi-florestais mediterrânicas tipicamente ibéricas, compostas por espécies do género *Quercus*, geralmente a azinheira e o sobreiro. Apresentam-se como formações relativamente abertas, em que predominam estratos arbóreos e herbáceos, acompanhados por um estrato arbustivo ou sub-arbustivo.

Desde épocas remotas, que os montados de azinho e sobreiro fazem parte da paisagem alentejana. Eles tornam os solos equilibrados na medida em que as árvores constituintes diminuem a erosão e renovam o horizonte húmido através da biomassa produzida, transformando a área de ocupação numa área ecológica e economicamente adequada.

AZINHEIRA

A azinheira é uma das árvores componentes dos montados, adaptada, por isso, a um clima mediterrânico, característico da zona Sul do País. É uma árvore de folha permanente, áspera, de folhas agudas, cor verde muito escuro, tronco e per-

nadas robustíssimas que chegam a atingir proporções gigantescas e majestosas. Enquanto novas confundem-se com os sobreiros e têm o nome comum de chaparros. Quando caducas são conhecidas por vários nomes como por exemplo: azinheira touqueirosa (tronco oco), enraizada (de pernas secas ou musgosas), cabreiras (de tronco baixo e curvo, por onde trepam as cabras. Ao coro das pernas tronchadas ou partidas pelo vento chama-se frade, e aos detritos da folhagem e outros fragmentos vegetais que se acumulam no interior dos troncos dá-se o nome de faro. Estes resíduos são de fácil combustão, destroem rapidamente o arvoredo velho, na ocasião dos incêndios.

A azinheira floresce na Primavera e no fim de Maio ou princípio de Junho observam-se já bolotas pequeninas de dimensão semelhante a cabeças de alfinetes. Com a aproximação do Verão, em que a temperatura aumenta gradualmente, as bolotas vão crescendo e em meados de Agosto são do tamanho de avelãs, meio envolvidas em casculho, mantendo a cor verde, cor esta que se altera gradualmente para amarelo até ao Outono. Nesta altura escurecem, atingindo a maturação em Dezembro.

* Docente da ESE de Beja

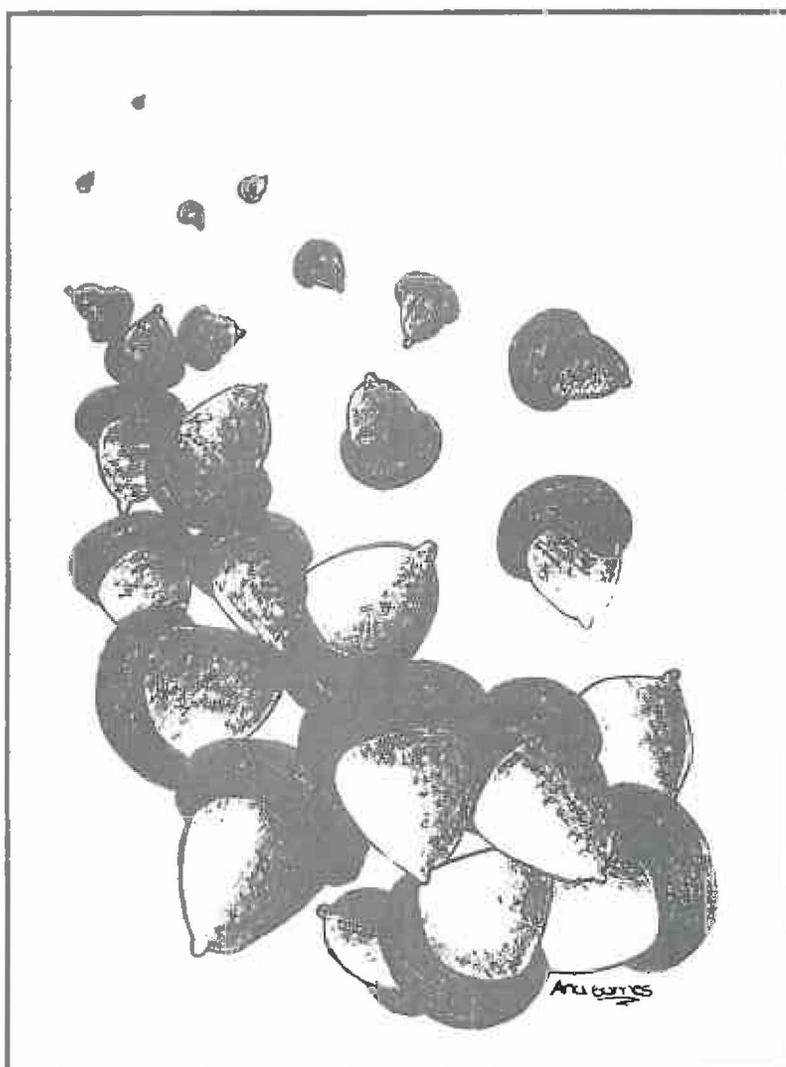
Cultura Local

A bolota é um fruto seco, oleoso, de cor castanha escura, forma oblonga. Tem um elevado valor nutritivo, sendo um alimento óptimo para todo o tipo de gado. É muito utilizada na criação de suínos porque permite a sua rápida engorda.

A bolota das terras bravias é amarga e miúda contrastando com a das terras cultivadas que é grossa e saborosa. Esta, actualmente rara, pois são cada vez

mais escassas as azinheiras produtoras de bolotas doces. As lebres são boas indicadores deste tipo de fruto: local onde se encontrem bolotas roídas por esses animais, é de certeza a zona de azinheiras que produzem bolotas saborosas.

Da azinheira, além da bolota que é a sua principal riqueza, obtém-se também a rama e a lenha, de grande valor económico. A rama, constituída pela folhagem,



Cultura Local

enquanto verde e tenra é aproveitada para a forragem do gado bovino, caprino e lanígero como alimento acessório. Pensa-se mesmo que, relativamente ao gado caprino, quando misturada com muita erva permite que as cabras produzam mais leite. A lenha, resultante dos cortes e debastes das árvores secas, destina-se a combustível, podendo ser utilizada no seu estado natural ou então ser transformada em carvão. Antigamente, a lenha era armazenada em medas piramidais artisticamente erguidas. A madeira de azinho, dura e resistente é muito apreciada na construção de mobiliário e tem um grande valor económico.

As azinheiras desempenham um papel muito importante na conservação da água, protecção e regeneração do solo, servem também de habitat natural a muitos mamíferos de pequeno porte e a aves de rapina. No entanto, os montados de azinho, estão hoje ameaçados de extinção, devido à moderna mecanização da agricultura, que exige grandes espaços, levando ao derrube destas árvores, de modo a facilitar a circulação das máquinas agrícolas. Por outro lado, as podas excessivas, a cultura constante de cereais e o próprio derrube das árvores contribuem para a diminuição do montado e consequentemente conduzem ao desaparecimento do porco de montanha, cujo principal alimento é a bolota. O aumento de preço e da procura da lenha e carvão vegetal são outras das causas da degradação do montado de azinho.

SOBREIRO

Árvore indígena, bem adaptada ao clima da metade ocidental sul do nosso país, desenvolve-se preferencialmente em solos ácidos, arenosos e pobres para ou-

tras culturas. Esses solos são praticamente desprovidos de calcário, têm um teor muito baixo de húmus, são pobres em azoto e ácido fosfórico, mas geralmente ricos em potássio.

Os montados antigos criaram-se quase espontaneamente em terrenos incultos (como ainda hoje se observam) e estão dispostos em pequenas ou grandes agrupamentos de forma irregular. Uma das hipóteses colocadas para a dispersão do sobreiro foi a de que as bolotas dispersas pelas aves e levemente enterradas germinaram.

Os sobreirais possuem extractos arbustivos e herbáceos variados, constituídos por diversas associações de vegetais. Essas associações permitem alterações na paisagem que pode variar entre zonas abertas de fraca densidade vegetativa a outras em que assume a configuração de um autêntico bosque. O sobreiro é também uma árvore de folhagem permanente, áspera e de cor verde escura, que se confunde facilmente com a azinheira, quando árvore jovem. Produz como a azinheira a rama, a lenha e a bolota.

A cortiça, a casca grossa fendida e bastante leve reveste o tronco e as pernas do sobreiro. Quando atinge um certo desenvolvimento perde as propriedades de aderência desagregando-se sem prejuízo para a árvore. É uma matéria prima de qualidade com inúmeras aplicações e bom valor económico. Quando o tronco do sobreiro alcança a grossura igual à da perna de um homem ou mais, é descortiado da "virgem", na época própria (entre Maio e Agosto) na parte da base e não das pernas que necessitam de mais tempo para se tornarem robustas. A primeira tiragem de cortiça é designada por virgem, e depois do primeiro descortçamento, a qualidade melhora significativamente. O

Cultura Local

descortiçamento prematuro retarda e prejudica o desenvolvimento da árvore.

Os montados de sobro, que têm um interesse económico elevado para o país estão envelhecidos e em más condições sanitárias. A utilização do solo para a cultura cerealífera, as "feridas" provocadas pelas modernas maquinarias, os descortiçamentos regulares mas com poucos cuidados, fazem com que o sobreiro não suporte tão grandes modificações, estando a morrer rapidamente e em grande número.

Os montados alentejanos, como parte constituinte dos ecossistemas, são hoje zonas de habitats parcialmente destruídos em que todos os seres vivos que nele habitam se encontram em perigo de extinção. A falta de cobertura vegetal conduz à formação de solos esqueléticos e posterior desertificação de vastas áreas e provoca grandes alterações climáticas..

É pois necessário repensar urgentemente o modo de como recuperar antigos povoamentos e criar novos montados de modo a contribuir para a construção de um Alentejo "mais vivo".

BIBLIOGRAFIA

- PICÃO, J. Silva** (1983), *Através dos Campos - usos e costumes agrícola-alentejanos*, Publicações Dom Quixote
- Identificação de Prioridades e Recursos de I.G.D. sobre Cortiça** - Fundação Luso- -Americana.
- RODRIGUES, J.F.** - *Montado de Sobro* p.35-43.
- CABRAL, J., PENA, António;** (1992) *Roteiros da Natureza* - Região Alentejo (p.67-79) Circulo de Leitores.